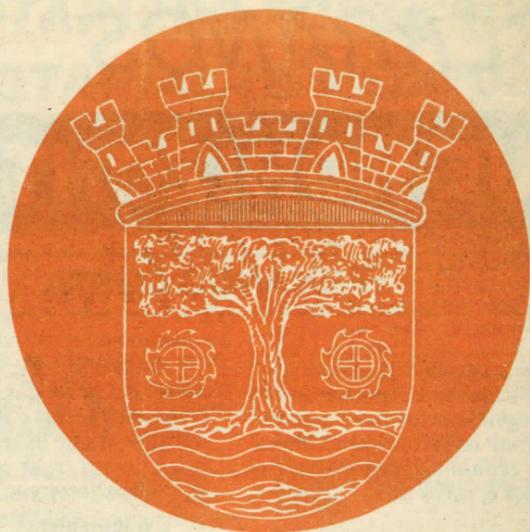




PORTE PAGO

31 DE JANEIRO DE 1983 — ANO 1 — N.º 5

Jornal de



CASTANHEIRA DE PÊRA

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

FREGUESIAS DE CASTANHEIRA DE PÊRA E COENTRAL

Director: HERLÂNDER MACHADO

Director-adjunto: ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS

Administrador: BELARMINO H. CORREIA

Chefe de Redacção: NIQUELINO FERNANDES

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

1983 É ANO SANTO

João Paulo II proclamou Ano Santo este de 1983, por nele se perfazerem mil novecentos e cinquenta anos sobre a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. A Igreja Católica celebra este acontecimento com um ano Santo ou Jubileu na data dos centenários. O último foi em 1933. Nesta data intermédia, não é costume. Além do Jubileu dos centenários, há ainda jubileus ordinários de vinte cinco em vinte e cinco anos. Destes, o último foi em 1975 e o próximo será no ano 2000. Todavia João Paulo II resolveu proclamar um Ano Santo extraordinário nesta data intermédia do centenário e assim o anunciou aos cardiais, no fim da sua última assembleia ou consistório. Nessa mesma oportunidade, o Papa fixou o início do Ano Santo para o primeiro dia da quaresma de 1983, o que ocorre no próximo dia 16 de Fevereiro. O Santo Padre deseja que, ente outros fins, este Jubileu proporcione aos cristãos a oportunidade de adquirirem maior apreço pelos valores espirituais da reconciliação e penitência, que são tema do próximo Sínodo dos Bispos, ao mesmo tempo que pretende seja de preparação para o jubileu do ano dois mil, que é o próximo Jubileu ordinário. João Paulo II disse ainda esperar que a celebração da Redenção da Humanidade por Jesus Cristo com um Ano Santo constitua "um veemente impulso de renovação espiritual para toda a Igreja". Resta agora saudar com alegria este acontecimento e, correspondendo à vontade do Papa, fazer dele um apelo e motivo para uma maior conversão pessoal, que se traduz numa mais acentuada renovação comunitária.

A. M.



JANELAS E VARANDAS NA CULTURA PORTUGUESA

a propósito da Pintura de MALUDA

Quem é quem?
Quem é Maluda?
Pois é um dos nossos maiores pintores vivos. Nascida em Nova Goa, quando Nova Goa era território nacional, pintora portuguesa, portanto. Mas, seria em Moçambique — igualmente, então, território português — que os primeiros quadros de Maluda apareceriam. Que os seus retratos fixariam, para a eternidade, rostos de grandes poetas, eles portugueses como ela, que se chamam Reinaldo Ferreira e Rui Knopfli.

Quem é Maluda?
Uma mulher notável, uma criadora tão importante para o mundo da pintura como o foram Cézanne, Gauguin e Picasso.

Quem é Maluda?
Responde à pergunta, ainda que não completamente, este seu breve apontamento biográfico:

Depois de, num hotel de Lourenço Marques — o Polana —, ter desenhado, com êxito, rápidos sketches de turistas sul-africanos, de uma viagem por Florença, Roma, Veneza, Paris e Lisboa e de um grupo de amigos lhe oferecer, de novo em Lourenço Marques, uma caixa de tintas e uma colecção de pincéis, é que Maluda verdadeiramente nasce para as artes plásticas e aparece, com João Ayres, Garizo do Carmo, José Freire e outros, em quatro exposições colectivas.

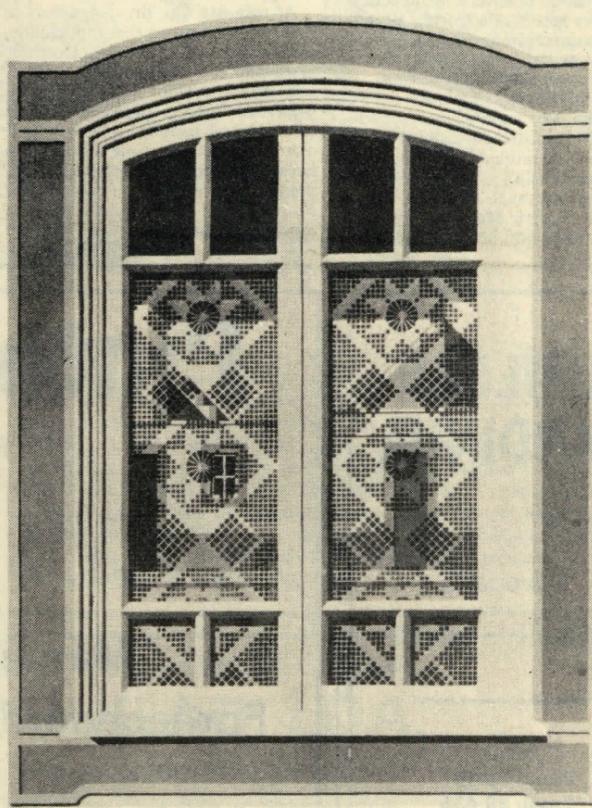
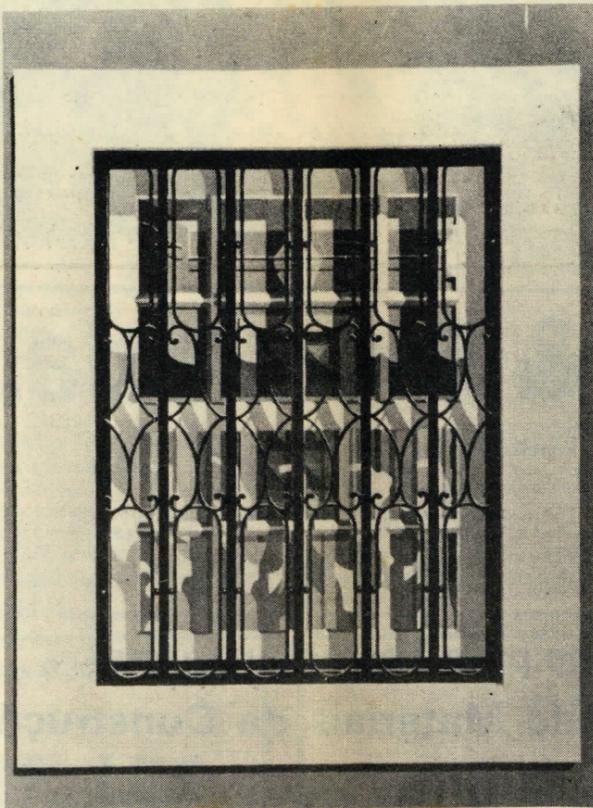
E é quando, também, a Fundação Calouste Gulbenkian lhe atribui a bolsa de estudos que a projectará nos caminhos do sucesso, que ela percorrerá, a partir daí e imparavelmente, de êxito em êxito, até alcançar a notoriedade que a consagrará a nível internacional.

Quem é Maluda?
A artista de que Vieira da Silva, um *monstro sagrado* já da pintura mundial, disse:

"Os seus quadros são um hino, um louvor à vida (...) Os quadros de Maluda são para mim uma música visual, grave e rigorosa."

Quem é Maluda?
A pintora que geometriza a paisagem sem, no entanto, lhe roubar o que nela existe e perdura de belo, de envolvente, de humano e, sobretudo, de poético.

Quem é Maluda?
A que pintou janelas?
Sim, a que pintou janelas, mas com o mesmo profundo amor, com a mesma profunda ternura com que retrata um homem ou uma mulher, isto é, fazendo-as chegar, através dos olhos com que as vemos, ao nosso coração que, deslumbrada e comovidamente, as recebe e guarda para sempre...



Algumas das janelas famosas pintadas por Maluda

(ver páginas centrais)

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. Palma, 163-1 Esq
1100 LISBOA

Mensário Regionalista
Independente

Publica-se no último dia
de cada mês

VALINHO
APARTADO 13
3280 CASTANHEIRA
DE PÊRA

Director — Herlander Machado
Director-Adjunto — António
José de Matos

Chefe de Redacção — Niquelino
Fernandes

Administrador — Belarmino
Henriques Correia

Chefe da Publicidade — Jorge
Pimentel Ladeira

Colaboradores:

Amadeu de Almeida Joaquim

António de Jesus Ramos

Gualter Alves dos Santos

Joaquim Cardoso Duarte

José Manuel Bernardo

José Manuel Machado Fernandes

Manuel José

Nogueira da Costa

Manuel Simões Coelho (Castelo)

Zilda Candeias Varandas

Jornal de Castanheira de Pêra
conta também com a colabora-
ção especial do escritor Nuno
Bermudes e dos Artistas Plás-
ticos:

Estanislau Inocência
Fernando Camarinha
João Climaco Soares de Abreu
José Pádua

Correspondentes:

Coentral — José Alves Barata
Camelo — Manuel Caetano
Carrizal — Albino Nunes

Pêra — Pompílio Antunes
Palheira — Adelino Marques

Sapateira — Gualter Fernandes

Vilar — Eurico Pardiniha

Gestosa Cimeira — Anibal Ta-
vares

Fontão — Porfírio Cepas

Troviscal — Isaltino Conceição

Moita — Rui Santos

Sarzedas — Arlindo Silva

Correspondente no Brasil:
Eduardo Coelho

Propriedade — Herlander Alves
Machado

Composição e Impressão:
Empresa do Jornal do Comércio
LISBOA

POVOS SERRANOS

QUE HORIZONTES?

FERNANDO COSTA

Não é novidade para ninguém que a agricultura, nesta vasta zona serrana, está antiquada ou ultrapassada, porque ainda hoje se praticam sistemas arcaicos, legados pelos antepassados. Mas, também individualmente, pensar cada um numa mecanização agrícola é sistema inviável economicamente, visto os terrenos serem de reduzidas dimensões e, salvo raras excepções, estarem distribuídos por socalcos.

Se algum há, em torrão plano e com regular área, logo surge o inconveniente de estar partido e repartido por variados proprietários, senão mesmo com muros em pedra nua, marcos em xisto, etc., a definir o que a cada um pertence.

Assim, quem percorra as aldeias da Serra da Lousã, desde o concelho de Castanheira de Pêra ao de Arganil, passando por Pampilhosa da Serra e Góis, encontra um panorama comum: rudimentar agricultura de subsistência, solos pobres, na sua maioria incultos ou de relva, como se diz em gíria popular.

A agricultura é, pois, precária e os meios de trabalho ainda mais. As pequenas "leiras", em regular percentagem nas encostas das serras e de difícil acesso, ficam sempre em extremo opostos, o que quer dizer que se vai a um local apanhar hortaliça e para ir regar o milho tem de se percorrer bastante porquê já é outro "motreco" distanciado.

Evidentemente, além do tempo precioso que se perde de um lado para o outro, os caminhos para esses terrenos cultivados são rudimentares, se não mesmo autênticos carreiros de cabras.

Quando, aproximando-se a época da sementeira, é necessário cavar uma fazenda, é normal ver-se uns quantos homens ou mulheres — mais estas — a cavar o dia inteiro, quando um pequeno tractor o faria em uma hora. Isto se houvesse o tractor e o caminho para o mesmo transitar...

A mesma situação encontramos no sistema de transporte do estrume, para adubar a terra. Levam-se dias a carregar cestas de estrume, às costas ou à cabeça, do curral para o terreno, quando um tractor o faria muito mais rapidamente, caso a máquina existisse e os acessos o permitissem...

Claro que, para a recolha dos produtos produzidos pela terra, o círculo vicioso é o mesmo.

Normalmente, por falta de vocação agrícola dos solos e conhecimento dos homens, só se produz o necessário à vida local e, mesmo assim, em culturas pobres.

Ainda hoje conhecemos casos especiais de agricultores que, por terem os seus melhores terrenos afastados cinco e mais quilómetros da povoação, ali permanecem afastados do mundo civilizado, meio ano e mais. Durante esse tempo, cavam, semeiam e terra, regam-na e escanam a folha — caso do milho — para forragem de gado caprino ou lanígero.

Na altura própria, colhem a maço-roca do milho para, posteriormente, procederem à sua debulha e seca ao sol.

Ora, após meio ano de labuta a que se reduz, em escudos, o seu rendimento, se recolherem cinquenta ou, num máximo, cem alqueires?

Será isto mentalidade agrícola? Claro que não. Mas, quem mais não sabe também a mais não é obrigado.

Quanto, no mesmo período, ganhariam estes pequenos agricultores, nomeadamente as mulheres — que no amanho das terras são extraordinariamente violentadas — como operárias em qualquer indústria local ou regional, isto se houvesse indústria?

Na nossa modesta opinião, a agricultura individual que se pratica em toda a vasta zona da Serra da Lousã, não é rentável. Quem mais terrenos, de pequena dimensão e dispersos, possui e, automaticamente, os cultivar, mais pobre está em cada dia que passa.

Por estes factores, aos quais não é estranha a própria natureza (topo-

grafia, clima, solos, etc.) vai-se en-pobrecendo alegremente até um dia.

É, portanto, deste estado de coisas, mas também do individualismo tão característico da nossa gente que, em parte, na busca de melhores condições sociais e económicas impossível de alcançar na terra madrastra, a migração é uma constante, indo em busca de outras zonas, especialmente do litoral, em prejuízo da economia local, normalmente o comércio já que a indústria ou é desconhecida ou obsoleta e, como tal, incapaz de absorver a mão-de-obra excedentária.

Claro que, em termos capitalista quem pretende montar uma indústria de qualquer espécie não se baseia em paternalismo, nas suas origens, e pensa nos conterrâneos e nos filhos destes, que vivem precariamente nos confins da serra.

Quem investe o seu capital ou o da Banca (da Banca na maioria das vezes e sem projectos nalguns casos: cabeça, tronco e membros) é, forçosamente, não olhando a meios para atingir fins, para sacar o capital mais rapidamente possível.

Assim o novo futuro empresário mesmo sem qualquer vocação em presarial ou conhecimentos da matéria em que se vai envolver, opta pelo litoral, por regulares aglomerados humanos, vias de comunicação fáceis para acesso de matérias-primas e escoamento dos produtos, após acabados ou transformados.

Sem dúvida que só a indústria pode originar a transformação de mentalidades, fixação das nossas gentes, nomeadamente dos jovens, e solo onde nasceram e, simultaneamente, uma actualização na exploração agrícola mas, em qualquer dos casos, para haver rentabilidade tem de ser através de sistemas COOP RATIVOS que envolvam todas as potencialidades locais: agricultura, pastorícia, lacteínios, florestaça, apicultura, piscicultura (caso de viveiros de trutas), onde existem ri- ou ribeiros, etc., etc.

FERNANDO COSTA

REFERÊNCIAS ao Rancho Folclórico NEVEIROS do COENTRAL no jornal "BADALADAS" de Torres Vedras

MAIS UMA VEZ, FREIRIA EM FESTA

No passado dia 18 de Dezembro, voltou a animar-se o salão do Freiria Sport Clube, para mais uma jornada cultural: era a exibição do Rancho Folclórico "Neveiros do Coentral". Não há palavras, suficientemente explícitas, para explicar aquilo a que nos foi dado assistir.

Somente se pode dizer que, através da exibição do Rancho e das palavras explicativas do seu dinamizador principal, dr. Herlander Machado, se assistiu a uma lição de etnografia, tanto no que ao folclore diz respeito, como trabalho de investigação até às mais remotas origens, a qual compreende o estudo dos trajes apresentados (diferentes uns dos outros, conforme a missão desempenhada por quem os envergava, nos seculares tempos em que se recolhia a neve das serras da Estrela e da Lousã, a qual era transportada em penosas condições, que facilmente se imaginam, para tornarem possível a manufactura dos doces gelados da Corte), a recolha e interpretação das músicas, sendo também de salientar a magnífica e original apresentação das mesmas.

Na assistência, numerosa como habitualmente, viam-se os representantes do Ministro da Cultura e Coordenação Científica, da Inspeção-Geral do Ensino e da Gestão do Banco de Portugal, ainda o Presidente da Câmara Municipal de Mafra, acompanhado pelo Vereador do

Pelouro da Cultura, bem como os Presidentes cessante e eleito da Junta de Freguesia de Freiria.

O jantar, servido no novo restaurante, constituiu mais uma demonstração da pródiga hospitalidade do povo de Freiria e da sua indubitável simpatia, em relação a todos quantos desejam trabalhar para o progresso da sua terra.

Como sempre, o grande promotor de mais este inolvidável dia foi Alberto da Silveira, magnificamente secundado pelo eng.º Marcos da Silva, os quais, em palavras simples mas sinceras, traçaram um breve resumo da história do progresso de Freiria e da acção de um dos seus principais impulsores dr. Nogueira de Brito — na altura Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, a pessoa que tornou possível a elevação da freguesia à categoria de "Rural Piloto", categoria esta que ainda ninguém retirou e a qual obriga todos quantos ali trabalham, bem como aos dirigentes do País, a saberem honrá-la.

A resposta do dr. Nogueira de Brito foi uma prova de simplicidade, característica dos grandes Homens, apagando totalmente a sua acção e, endossando o valor da Obra aos entusiastas, Subdirector-Geral da Acção Cultural começou por lamentar que factos inadiáveis de última hora tivessem impedido o Ministro de estar presente, declarou o seu encanto por Freiria, tanto sob o ponto de vista paisagístico mas, muito especialmente

pelo valor do seu riquíssimo património e comprometeu-se a advogar eficientemente, junto de Sua Excelência, as aspirações locais das quais era portador.

A Inspectora da Zona teve de tomar conhecimento de muitas facetas da localidade, as quais lhe tinham passado despercebidas aquando das suas visitas à Escola, muito especialmente, repete-se, a hospitalidade, generosidade, simpatia e abnegação do bom povo desta terra.

Voltando ao espectáculo propriamente dito, deve dizer-se que se apresentaram, em números muito simples e, referentes à época natalícia que se aproximava, elementos das Escolas Pré-Primária e Primária e do Grupo de Teatro já existente, o qual necessita urgentemente de orientação séria e competente.

Carlos Infante da Câmara

No Jornal BADALADAS, de Torres Vedras, de 31 de Dezembro de 1982



AMÍLCAR SANDINHA

Advogado

Arganil — Lousã

Telefs.
Escrit. 99 172
Resid. 99 436

As Sextas-feiras
em Castanheira de Pêra
Telef. 44373

Pinto & Brás, Lda.

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS

Máquinas para Terraplanagens
Fornecedores de Materiais de Construção

Telef. 92452

BARRAÇÃO — LEIRIA

MÓVEIS COSTA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÉNERO
DO CONCELHO E DA COMARCA

MOBILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO ● ESTOFOS
● ALCATIFAS ● TELAS ● FRIGORÍFICOS ●
T. V. ● MÁQUINAS DE LAVAR

ARMAZÉM N.º 1 - MOREDOS
SEDE E ARMAZÉM N.º 2
AVENIDA DE S. DOMINGOS
(FRENTE AO HOSPITAL)

UM GERENTE

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

JORNAL
DE CASTANHEIRA
DE PÊRA

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. Palma, 163-1 Esq
1100 LISBOA

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DE PEDRÓGÃO GRANDE

COENTRAL



A extinta, que contava 85 anos de idade e era natural desta freguesia, era mãe dos nossos amigos srs. Manuel Serrano de Almeida, proprietário e residente em Lisboa; eng. Armando Antunes de Almeida, professor de Agronomia, residente no Brasil; Francisco Serrano de Almeida, também proprietário em Lisboa; e José Serrano de Almeida, técnico de laboratório em Vila Franca de Xira; e ainda das sr.^{as} D. D. Olívia Maria de Jesus; Benvida Almeida Serrano; Graciela Serrano de Almeida Pereira; e Maria Manuela Serrano de Almeida Mónica. Era irmã dos também nossos conterrâneos e amigos srs. Francisco Henriques Serrano; Joaquim Henriques Serrano e da sr.^a D. Helena Henriques Bento; e ainda dos já falecidos srs. Manuel; Artur; José; Domingos e Firmino Henriques Serrano.

FALECIMENTO

Em Lisboa, onde ultimamente residia, faleceu no dia 30 de Janeiro a sr.^a D. Maria Augusta Henriques de Almeida, viúva do saudoso coentralense José Antunes de Almeida, a qual desde há tempos vinha passando bastante mal de saúde.

MARIA AUGUSTA HENRIQUES DE ALMEIDA PARTICIPAÇÃO E AGRADECIMENTO

Seus filhos, noras, e genros testemunham por este meio, o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada ou que manifestaram a sua amizade e o seu pesar.

Está conforme o original.
Cartório Notarial de Pedrógão Grande, 10 de Janeiro de 1983.

*cargo do Notário Licenciado
só António Risques Correia
a Silva*

ASSOCIAÇÃO DE INICIATIVAS E MELHORAMENTOS DE TROVISCALIS

Certifico, narrativamente, para efeitos de publicação, que a escritura de 3 do corrente mês, exarada de folhas 83 verso e folhas 86 do Livro de Actas para Escrituras Diversas nº 294, deste Cartório, entre Manuel Dinis Jacinto Nunes, casado, natural da cidade de Lisboa, onde reside na Praceta da cidade do Luso, Lote 197, 2.º andar direito; Ernesto da Silva Fernandes, casado, natural da freguesia de Pedrógão Grande, onde reside no lugar de Troviscais Fundeiros; Daniel Alves Nogueira, casado, natural da dita freguesia de Pedrógão Grande e residente na cidade de Lisboa; Adolfo dos Santos, casado, natural da mesma freguesia de Pedrógão Grande e residente em Loures; Américo Pinto da Silva, casado, natural da dita freguesia de Pedrógão Grande, onde reside no lugar de Troviscais Cimeiros; Manuel Henriques, casado, natural da freguesia da Terra, concelho de Tomar e residente na Avenida dos Estados Unidos da América, 126, 1.º, direito, na cidade de Lisboa; Fernandes Bento Martins,

casado, natural da referida freguesia de Pedrógão Grande, onde reside no lugar de Troviscais Fundeiros; Carlos Pinto da Silva, casado, natural da freguesia de Pedrógão Grande, do mesmo concelho e residente em Lisboa, na Calçada dos Mestres, n.º 40, 2.º; Álvaro Pires da Silva, divorciado, natural da dita freguesia de Pedrógão Grande, onde reside, no lugar de Troviscais Fundeiros; e António Manuel Fernandes Henriques, solteiro, maior, natural da mesma freguesia de Pedrógão Grande e residente em Moscavide, concelho de Loures, foi constituída a Associação de Iniciativas e Melhoramentos de Troviscais, que se regerá pelos artigos seguintes:

PRIMEIRO: A associação denomina-se "Associação de Iniciativas e Melhoramentos de Troviscais", é uma colectividade com sede e funcionamento no lugar de Troviscais, freguesia e concelho de Pedrógão Grande, e é uma associação com personalidade jurídica e durará por tempo indeterminado;
SEGUNDO: A associação tem as seguintes finalidades: a) Promover e desenvolver a cultura, recreio e desporto entre os associados; b) Defender e valorizar o património da Terra; c) Promover empreendimentos de interesse local em estreita

colaboração com as Autarquias Locais ou outras entidades competentes;

TERCEIRO: Poderão ser admitidos como sócios efectivos da associação os naturais e os residentes em Troviscais, bem como os que a ela estejam ligados por laços de parentesco ou amizade, queiram de qualquer modo, contribuir para o seu engrandecimento e tenham mais de 18 anos de idade. A admissão de sócios beneméritos e honorários rege-se-á pelo Regulamento interno.

QUARTO: Os associados ficam obrigados ao pagamento de uma jóia inicial e de uma quota mensal, a estabelecer por deliberação da Assembleia Geral, e que por esta podem ser alterados em qualquer altura.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: A eliminação por falta de pagamento de quotas é da competência da direcção.

§ SEGUNDO: A expulsão será da competência da Assembleia Geral e verificar-se-á após processo disciplinar devidamente instruído.

QUINTO: São órgãos da Associação a Mesa da Assembleia Geral, a direcção e o conselho fiscal.

SEXTO: A competência e forma de funcionamento da Assem-

bleia geral são as prescritas nas disposições legais aplicáveis, designadamente os artigos 170.º e 179.º do Código Civil.

§ ÚNICO: A mesa da Assembleia Geral é composta por um presidente e dois secretários, competindo-lhes redigir as actas e dirigir os trabalhos da Assembleia.

SÉTIMO: A Direcção é composta por um presidente, um secretário, um tesoureiro e dois vogais, competindo-lhes a gerência social, administrativa, financeira e disciplinar, devendo reunir mensalmente.

OITAVO: O Conselho Fiscal é composto por um presidente, um secretário e um relator, competindo-lhe fiscalizar os actos administrativos e financeiros da direcção, verificar as suas contas e relatórios, reunindo ordinariamente quatro vezes por ano e extraordinariamente sempre que é necessário.

NONO: A Associação, em tudo o que for omissos nestes Estatutos, rege-se-á pelas Leis de Direito aplicáveis e pelo regulamento interno, cuja aprovação e alterações são da competência da Assembleia Geral

CASA DA COMARCA de FIGUEIRÓ dos VINHOS

Em 28 de Janeiro, realizou-se a assembleia-geral da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos

Decorrido mais um exercício, a Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos realizou a habitual Assembleia Geral Ordinária para apreciação do Relatório e Contas referentes ao ano de 1982.

No decurso desta reunião dos seus associados, foi apreciada a situação da colectividade e analisada a actividade desenvolvida.

Obviamente, também foram consideradas as actuais condições da actividade regionalista, em geral, e focados, em especial, alguns dos mais significativos aspectos e problemas que caracterizam a vida associativa desta Casa Comarcã.

Os corpos gerentes cessantes prestaram esclarecimentos sobre a situação financeira da colectividade e historiaram a acção desenvolvida, tendo sido salientados os propósitos visados, os resultados conseguidos e as iniciativas mais marcantes.

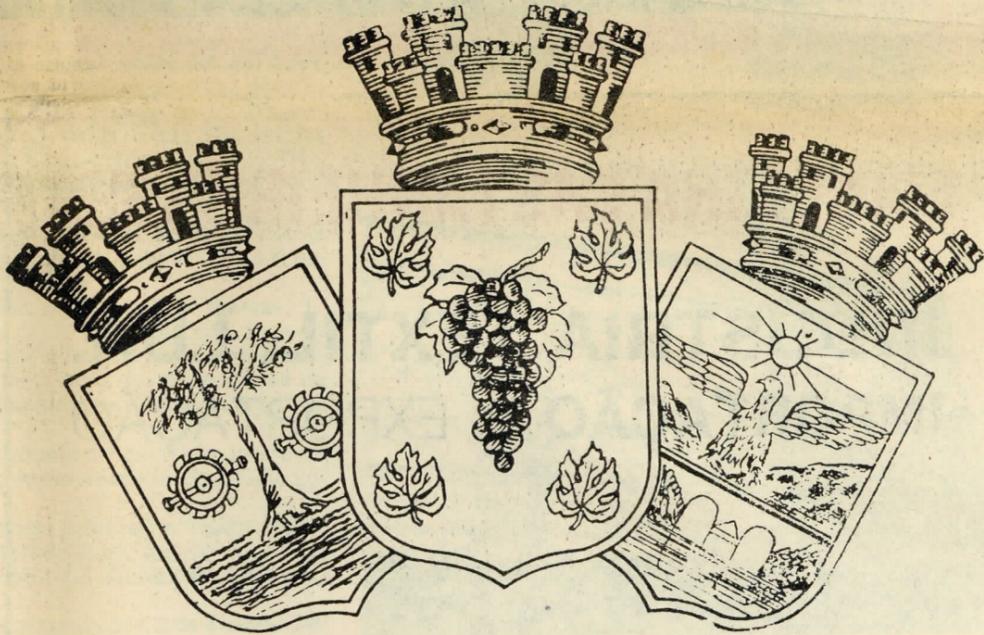
Festas, convívios, apoios à acção, regionalista e cultural doutras colectividades foram também objecto de referências, tal como foram focadas as dificuldades e carências enfrentadas.

As relações amistosas com outras Casas Regionais, nomeadamente com as Casas de Ferreira do Zêzere, de Ourém, do Alentejo, de Trás-os-Montes, etc. foram cordialmente mantidas a reforçadas com a participação de representantes da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos nas suas realizações mais significativas.

Foi assinalado o significado da confraternização de conterrâneos no almoço de aniversário, ocorrido em 17 de Maio, e no animado magusto realizado em 13 de Novembro.

A propósito da acção desenvolvida durante o ano de 1982, cumpre salientar aqui o apoio dado pela Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos ao Rancho Folclórico Neveiros do Coentral, do Concelho de Castanheira de Pêra. Efectivamente, este animado grupo de folclore continua a fazer os seus ensaios nas instalações da sua Casa da Comarca, sempre encontrando facilidades, ajuda e compreensão.

Estende-se a acção regionalista desta agremiação a outros secto-



UNIDOS SOMOS UMA FORÇA!

res, sempre servindo a Região que representa em Lisboa. É exemplo disso a concessão de donativos para festas religiosas — como as da Gestosa, de Campelo e Alge — e para os Bombeiros de Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pêra.

Assim se afirmam as virtudes do Regionalismo! Perspectivados os seus problemas e encaradas as

condicionantes da vida actual, fica-nos a certeza de que só por meio do diletantismo de alguns associados e da sua entusiástica doação a um ideal de salutar bairrismo são possíveis os resultados positivos que vêm sendo obtidos pela Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos — feliz união dos regionalistas naturais dos concelhos de Castanheira de

Pêra, de Pedrógão Grande e de Figueiró dos Vinhos.

UNIDOS SOMOS UMA FORÇA!

Há que reforçar a união, para que continue a crescer o prestígio da actividade regionalista e para que frutifique o labor desenvolvido para salvaguarda dos valores da região serrana.

•H.M.

CORPOS GERENTES PARA 1983	
ASSEMBLEIA GERAL	
Presidente	— Álvaro Francisco dos Reis
Vice-Presidente	— Franklim Costa
1.º Secretário	— Joaquim Caetano David
2.º Secretário	— Domingos Costa
DIRECÇÃO	
Presidente	— Álvaro Henriques dos Santos
Vice-Presidente	— César David Joaquim
Tesoureiro	— José Carlos Simões Santos
1.º Secretário	— Miguel Bastos Lopes
2.º Secretário	— João Carvalho
1.º Vogal Efectivo	— António Fonseca
2.º Vogal Efectivo	— José dos Santos Peloiro
1.º Vogal Suplente	— João Manuel S. Roda
2.º Vogal Suplente	— Fernando Macedo Henriques
Agregado à Direcção	— António Sousa e Silva
Agregado à Direcção	— Domingos Rodrigues
CONSELHO FISCAL	
Presidente	— Pedro João Pereira Coutinho Gomes
Secretário	— Manuel Simões Branco
Relator	— Domingos Rodrigues
Suplente	— Rosalina Cândida da Silva
DELEGADOS À FEDERAÇÃO	
Delegado Efectivo	— António Santos Estêvão Castro
Delegado Suplente	— Miguel Bastos Lopes

Indústria e Comércio
— de Madeiras —

Telefone 036-4 54 95

SERRAÇÃO PEDROGUENSE, LDA.

Madeiras em Tosco, Aparelhadas, Tacos, Caixotaria
Lanhas e Materiais de construção
Agentes da CIMPOR, Cimentos de Portugal, EP

MÓ PEQUENA

3270 PEDRÓGÃO GRANDE

LABORATÓRIO DE ANÁLISE CLÍNICAS BIOQUILAB, LDA.

Dir. Técnica: ALDA BRANCO GAMA
Licenciada em Farmácia — Especialista

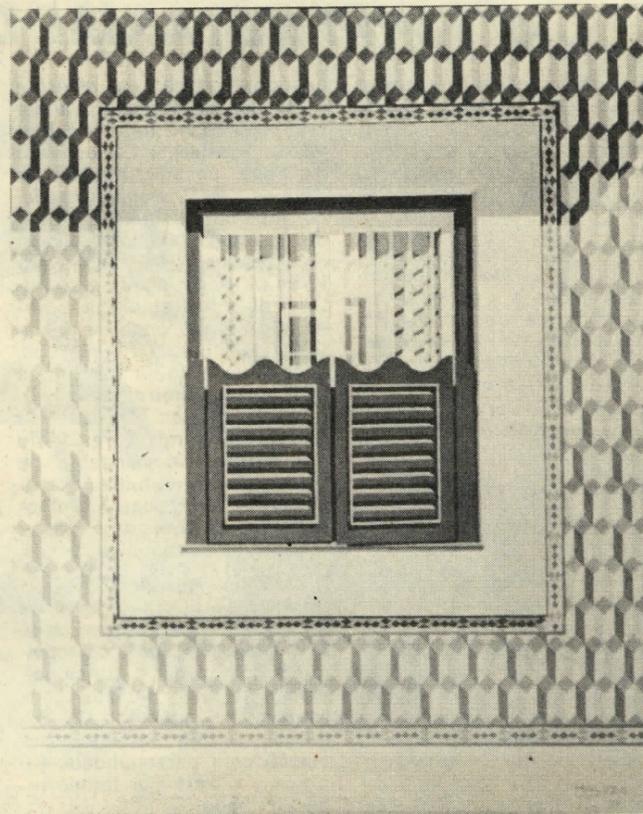
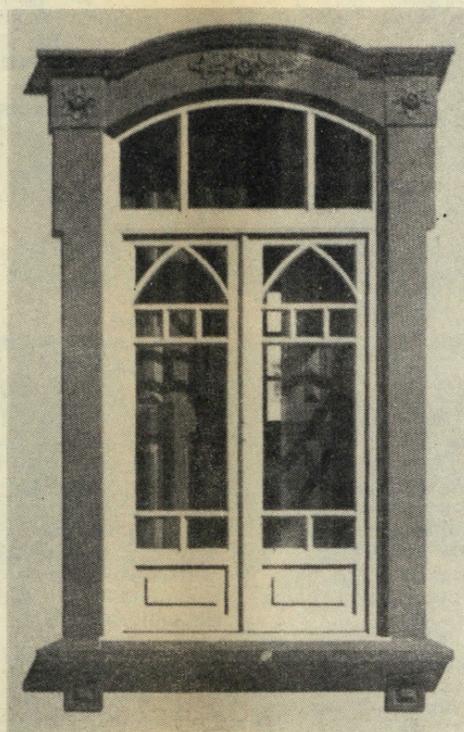
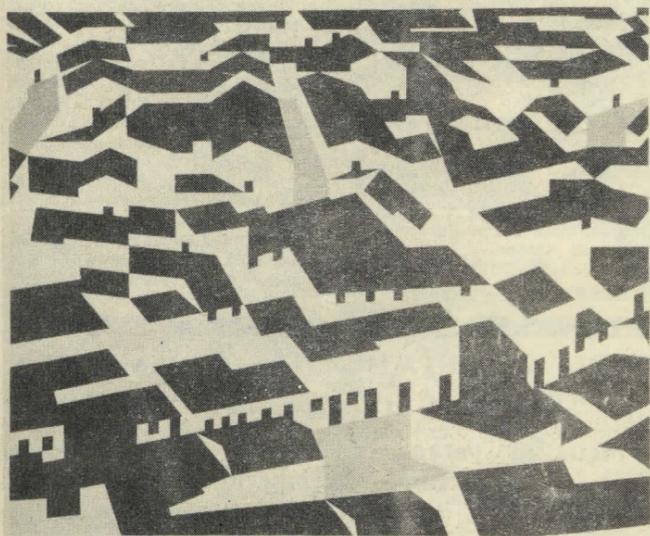
Em Castanheira de Pêra todos os dias às 9 horas
na Rua João Bebiana

Telef. 4 22 86 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

em Castanheira de Pêra todos os dias, às 9 horas, na Rua João Bebiana

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

DA PINTURA de MALUDA



EM 68 ANOS DA IMPRENSA DO NOSSO CONCELHO

jornal de CASTANHEIRA DE PÊRA

*é efectivamente, desde 31-X-82,
o Jornal novo!*

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE

**INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA.
IMPORTAÇÃO • EXPORTAÇÃO**

FÁBRICA DE PENTEÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS E FIBRAS

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS



TELEFONES 44101 e 44479 • TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PERA (PORTUGAL)

Francisco António Lopes Ribeiro

Eng.º Técnico Civil (I.S.E.C.)

- * EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL
- * EXECUÇÃO DE PROJECTOS: MORADIAS, BLOCOS HABITACIONAIS, REDES DE ÁGUAS E ESGOTOS, CÁLCULOS DE BETÃO ARMADO, ARRUAMENTOS
- * LEVANTAMENTOS, TOPOGRÁFICOS: ELABORAÇÃO, MEDIÇÕES, MARCAÇÕES, PICTAGEM

Largo Camilo Castelo Branco, 13-1.º

Telef. 22977

2400 LEIRIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA

CHITAS

de
Aurora da Silva
Tomás
CHITAS

Telef. 44467
SARZEDAS DO VASCO
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS	TELEFONES
ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358 Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241 Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492 Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241 Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241 Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154 Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154 Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

OLIVEIRA BRANCO

"Nestes tristes tempos em que ninguém se entende, anda a gatunagem à solta..."

Assim começa o seu escrito um homem do século XVII, ao relatar as proezas dos ladrões que, à sorrelfa, atacavam o pacato cidadão nos caminhos, nas diligências ou na sua própria casa.

Hoje, a escassos anos do fim do século XX, vivendo o deslumbramento das vertiginosas e alucinantes conquistas da ciência, também podemos dizer que são tristes os tempos e os espíritos andam muito conturbados. Desse antigo tempo ainda hoje se vêem grades grossíssimas que nos falam do imenso terror havido mas, de novo, aí as temos como sinal de renovado medo. Grades, uma defesa contra a gatunagem. Chegará?

Só que, há gatunos e gatunos. Há os que atacam à mão armada, pelos peitos, e outros à traíção, como se dizia quando eu era rapaz. Dentre estes, os traíçoeiros, apontamos já veementemente um que nos alveja utilizando armas que nós próprios lhe oferecemos — refiro-me concretamente à DOENÇA.

Este malfeitor instala-se em nossas casas, esvazia as nossas algibeiras e ensombra os nossos dias. É, sem dúvida, o maior depredador do nosso País.

O que todos gastamos em medicamentos podia ser convertido em construções e aquisição de equipamento de investigação e prevenção para a Saúde.

Perguntar-se-á: Então que vamos fazer?

A UNESCO e a OMS, das quais recebemos, a partir de 25 de Abril de 74 — ao contrário do que anteriormente acontecia — respondemos, com uma muito nutrida e desenvolvida informação, divulgação e apoio chamando a nossa atenção para o tenebroso perigo que constitui a DOENÇA, atendendo ao facto penoso de que transportamos o tremendo peso do analfabetismo pois, como sabemos, isso tem muito a ver com todo este problema.

O tal gatuno traíçoeiro, se não tivermos presente um certo número de noções elementares e básicas, entra connosco na nossa vida: — Ei-las: Lavar com frequência as mãos, principalmente antes de nos servirmos de utensílios para comer e estes terão de estar bem lavados; lavar a fruta — antes de ir para a mesa, claro — e resguardá-la assim como o pão e outros alimentos. Para além da higienização que pratiquemos com os alimentos (sua preservação, armazenamento, resguardo, etc.) impõe-se, ainda, uma rigorosa limpeza e vigilância do vazilhame, caixas e todos os recipientes que os irão conter.

Não ignoramos os hábitos muito antiquados do mundo rural que nos cerca, não ignoramos a resistência que alguns fazem a ideias novas mas... batalhemos.

Devo referir aqui outro tipo de higiene em que são requeridos tantos ou mais cuidados do que aqueles que notámos no início desta insípida conversa.

Falaremos, ainda que muito pela rama, de:

INGESTÃO DE ALIMENTOS; sua conservação seu estado, suas características, suas qualidades, suas quantidades, etc.

Journal de CASTANHEIRA DE PÊRA
no RALLY DE PORTUGAL - VINHO DO PORTO

Jornal de Castanheira de Pêra propõe-se fazer a cobertura jornalística deste famoso "Rally", tendo já assegurado, junto da respectiva Direcção, o acompanhamento da prova.

Temos o prazer de informar os nossos leitores de que, correspondendo aos nossos propósitos, se encarregaram da reportagem jornalística e fotográfica os nossos conterrâneos Luís Manuel Rodrigues Tomás e Alberto Manuel Mendes, os quais contarão com a colaboração especial de José Manuel David Tomás Henriques.

Sempre atento aos interesses do concelho, Jornal de Castanheira de Pêra espera poder corresponder à importância que, à escala regional, tem essa competição automobilística de grande projecção nacional e mundial.

DO DUELO AUDI/LANCIA ATÉ AO FEMININÍSSIMO 1 NA PORTA DE MOUTON!...

Galardoado em 1982 como o melhor do Mundo, o que se verifica pela 5.ª vez nos últimos 6 anos, o Rally de Portugal, vai para a estrada no próximo dia 2 de Março, sendo as verificações técnicas no dia 1.

Com um total de 2431,4 km divididos em 5 etapas, dos quais 674,5 km são percorridos nas 43 classificativas que compõem a prova.

A 1.ª etapa, Estoril-Estoril, com 152,2 km e 9 classificativas, será toda disputada no asfalto de Sintra.

A 2.ª etapa, com 555,3 km e 5 classificativas, levará a caravana do Estoril até à Póvoa de Varzim, passando por Monte-

junto, S. Pedro de Moel, Figueira da Foz, Préstimo e Vouga.

Portela, S. Louremço, Orbacém, Gávea e Arcos, percorridos por duas vezes, são os troços da 3.ª etapa, Póvoa-Póvoa, com 472,3 km.

A 4.ª etapa é, a par da 5.ª e última, uma das mais duras e que trará a caravana até Viseu, depois de se correrem as classificativas de Fafe, Cabreira, Sr.ª da Graça, Marão, Baião, Lamego, Mões 1, Viseu 1, Mões 2 e Viseu 2.

A derradeira etapa levará os sobreviventes até ao Autódromo do Estoril. Esta, terá um particular interesse para os Castanhenses visto que inclui duas passagens em Arganil (05.32h. e 10.20h.) duas na Candosa, (06.55h. e 11.55h.) e duas em Lousã (Zorro) com início na Catreia às 07.41h. e 12.45h., do dia 5, Sábado. A chegada ao Autódromo está prevista para as 23,20h.

No Domingo pelas 11h. serão afixadas as classificações oficiais, seguindo-se a distribuição de prémios às 15h. e o habitual Slalom disputar-se-á pelas 15.30h.

Segunda prova a contar para o Mundial de Marcas, 3.ª para Pilotos e, apesar de este início de época não trazer à cena todas as marcas interessadas e habitualmente presentes, por razões que se prendem com a nova regulamentação da FISA, a lista de inscritos não desanima, se atendermos ao que se disse.

Assim, a Audi, Campeã do Mundo em exercício, inscreveu 4 "Quattro", para Mikkola, Mouton, vencedora da edição anterior, Blomqvist e Wittmann.

O Grupo Fiat agora representado pelos novos Lancia Rally, para além do seu sempre fiel Markku Alen, quatro vezes vencedor da prova, inscreve o Campeão do Mundo Walter Rohrl e Adartico Vudafieri.

A Nissan traz até nós dois dos também novos Datsun 240 RS que apresentou em Monte Carlo, entregues a Salonen e Terry Kaby.

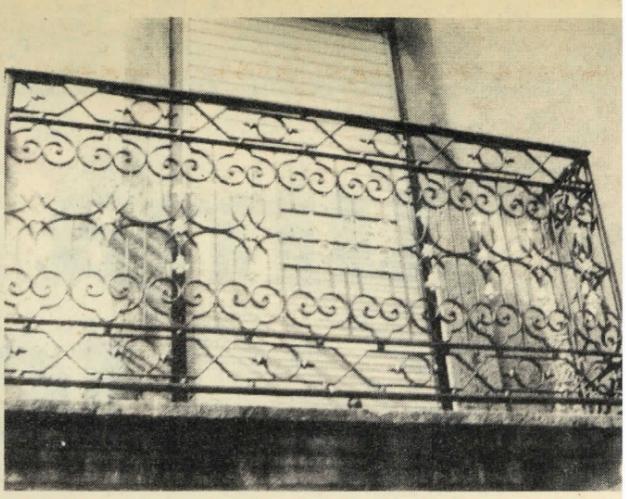
A ARTE DO FERRO
em varandas do Concelho



Castanheira de



Pá



Coer

**RESTAURANTE
SNACK-BAR**
Chopp-Avenida
DE ANTÓNIO HENRIQUES COSTA

COZINHA REGIONAL
Especialidade: Bacalhau e Bife à "Chopp"

VINHOS DAS MELHORES MARCAS

AMBIENTE SELECIONADO

VISITE-NOS!
(Aberto das 8 às 2 H)

Avenida de S. Domingos Telef. 44349
3280 CASTANHEIRA DE PERA

fábrica de meias e luvas

MANUEL ALVES BARATA, LDA.

TELEFONE 44402 — COENTRAL — 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

UNIDADE INDUSTRIAL
FUNDADA
EM 1920

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS À ORDEM:

(Contas Individuais: Simples ou Conjuntas)

Saldos Até 150 000\$00 4 %
No excedente 2 %

DEPÓSITOS A PRAZO:

De 30 até 90 dias 11 %
De 91 até 180 dias 15 %
De 181 até 365 dias 21,5 %
De 366 até 730 dias 23 %

(Quantias com limite mínimo de 5000\$00)

CRÉDITO:

Sector Público
Predial
Industrial
Agrícola



uma presença em todo o país

TEMOS, PARA O SERVIR, 146 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS
Consulte-nos. Dar-lhe-emos todas as informações
e o apoio de que necessitar.

Balcões BNU mais próximos
do concelho de Castanheira de Pera
COIMBRA GÓIS LEIRIA SERTÁ TOMAR

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
da experiência para o futuro

Paisagem do QUOTIDIANO

NUNO BERMUDES

MAIS UM ANO

(ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ PÁDUA)



Mais um ano que passou e nada parece ter melhorado à superfície deste desgraçado Mundo — nem moralmente, nem politicamente, nem economicamente, nem coisa nenhuma.

As guerras surgem ou ameaçam surgir em todos os Continentes e rebanhos de velhos, mulheres e crianças — até aos dez anos de idade, que dos onze em diante já empunham metralhadoras e arremessam granadas — percorrem os caminhos de dor, de fome e de angústia que os guerreiros abrem, no seu avanço inexorável por terras dantes pacíficas e cultivadas, por ruas onde, na véspera, os homens iam, tranquilamente, às suas vidas.

E nenhum país escapa a esta onda, a este macaréu de violência que nem sequer, tantas vezes, se justifica, que se levanta sem que ninguém descortine, no longínquo horizonte, o temporal que transformará, de súbito, o mais calmo dos lagos no mais revoltoso dos oceanos.

Como que avassalado por uma epidemia, para que não há nem vacina nem remédio, o chão estremece, de uma ponta à outra da Terra, sob as pesadas botifarras dos guerreiros e o menor pretexto perfeitamente serve para que os próprios irmãos se digladiem até à morte.

E o pior de tudo é que tais lutas já nem ocorrem a partir de razões de ordem interna, pois que as ditam, na sua maior parte, os interesses de alheios e poderosos povos, escapando estes aos sangrentos confrontos que os destruiriam e tornando-se, assim, cada vez mais fortes e ameaçadores.

Para quem governa esses povos, cada ano que passa apenas é positivo se nele o maior número de guerras, revoluções, distúrbios e golpes de Estado eclodiu para lá das suas fronteiras.

Pois que só assim o poder das minorias se agiganta e, eficientemente, vai estrangulando a vontade dos que, apesar de se sentirem tratados como animais, sempre preferem, diante de tais a tão assustadores exemplos, pastar como carneiros, numa falsa mas aparentemente bucólica e pacífica paisagem, do que agir como homens e, muito menos, como homens livres, num cenário em que as pedras são realmente pedras, as árvores realmente árvores, o amor e o ódio são sentimentos realmente espontâneos e autênticos.

E não há dúvida que as sonoras e mortais bofetadas que os países sem importância trocam entre si se revestem do maior significado para os países importantes.

Principalmente para os seus regimes de força ou de dinheiro...

REFERÊNCIAS AO

Jornal de CASTANHEIRA DE PÊRA

“O DIA” REFERIU-SE AO NOSSO JORNAL DE 11 DE JANEIRO DE 1983

NOVO JORNAL EM CASTANHEIRA DE PÊRA

Para defesa dos interesses do concelho de Castanheira de Pêra constituído pela freguesia que tem o nome da terra materna e pela de Coentral, foi fundado um jornal mensário regionalista cujos director e director-adjunto são os drs. Herlander Machado e António José de Matos. Este periódico sucede, 45 anos depois, ao quinzenário “O Castanheirense”, de 1937, nessa altura dirigido pelo dr. José Fernandes de Carvalho, por sua

vez herdeiro de “O Trabalho”, de 1916, da direcção de Raul Ângelo Xavier Pereira que tomava o lugar de “O Ribeira de Pêra”, de 1914, da responsabilidade de Dias Henriques e que se intitulava “defensor dos interesses dos povos ao nascente da Serra da Lousã”.

Ao novo colega de Castanheira de Pêra desejamos longa vida.

O Jornal “O TABUENSE”, quinzenário Regionalista Defensor dos Interesses do Concelho de Tábua, fez, a seguinte referência ao nosso Jornal:

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

Veio a público pela primeira vez, no passado dia 31 de Outubro, este novo periódico,

dirigido pelo sr. dr. Herlander Machado, tendo como adjunto o sr. António José de Matos.

No seu editorial, estabelece a doutrina a seguir e recorda o que tem sido a imprensa regional no concelho de Castanheira de Pêra, onde deixou de publicar-se ultimamente “O Castanheirense” que havia iniciado a sua publicação em 1937.

Ao novo colega de publicação mensal e se anuncia ter nascido num acto de amor, ao serviço do regionalismo na defesa dos interesses do seu concelho, deseja “O Tabuense” as maiores felicidades, neste mundo conturbado em que vive a imprensa regional.

Agradecendo e retribuindo os bons votos formulados, apresentamos cumprimentos aos seus directores. Bam hajam.

LEIA
O JORNAL DA SUA TERRA

VENDE-SE

— EM CASTANHEIRA DE PÊRA NO RESTAURANTE CHOPP-AVENIDA

— NO COENTRAL GRANDE NO BOTEQUIM DOS NEVEIROS

— EM LISBOA NA TABACARIA MÓNACO ROSSIO 21

NA CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS Largo do Intendente, 45

DELEGAÇÃO EM LISBOA R Palma, 163-1 Esq. 1100 - LISBOA

AVISO PRÉVIO

Queres o Sol
Queres o vento
As flores
E o luar...
Queres a brisa,
O relento,
Os rios
E o mar.

Queres as colinas da serra
Queres as areias da praia
Queres ter os jardins da Terra
E todo o som que desmaia...

Queres o calor
E o frio
O Outono e o Estio
Queres o Inverno chuvoso
E o tempo viçoso
Da Primavera...
— Quanta quimera!

Queres a abraçar todo o Mundo
Queres possuir a Verdade
E colher amor profundo
Em gozo de Liberdade...
E vais em louca corrida
Nesse teu anseio de vida!

Nem deixas crescer as flores
Que pisas na correria
Nem reparas nos alvares
Que anunciam novo dia
E num turbilhão de feitura
De aturdimento e cegueira
Sempre alguém do que antevias
Vais ficar de mãos vazias.

Longo trilho te seduz
Persistindo em utopia
És como mosca na luz
Tonta, cega d'euforia,
Mas nesse teu louco querer
Sofres, fazendo sofrer.

E nessa extrema assunção
De caprichos rituais
Ficarás na solidão
Com odor a marginais!

MICHAEL MAY

(ilustração de João Abreu)

Os Conselheiros da Revolução

Os portugueses hoje, para falarem dos conselheiros da revolução, precisam de, antecipadamente, se munir de uma grande serenidade, fazendo constante apelo ao espírito de objectividade, o qual aliás sempre deve guiar a nossa maneira de apreciar os acontecimentos políticos.

Algumas pessoas e alguma imprensa não sabem hoje falar do Conselho da Revolução que não seja pelo insulto ou pela insinuação, muitas vezes dando cobertura a informações falseadas, veiculadas através do boato e da mentira anónima. Tal atitude, patente de forma confrangedora em certa imprensa regional, nem sequer constitui exercício de pedagogia política, dado que às pessoas não são fornecidos nem dados objectivos nem critérios de julgamento, mas apenas e logo à partida, os condicionamentos mais ou menos sentimentais que viciam e matam toda a capacidade de análise. Evidentemente que isso nem é sequer

informação e muito menos promoção das consciências, acabando quase sempre por produzir efeitos contraproducentes...

Por isso, o falar hoje dos conselheiros da revolução com alguma serenidade é um exercício nada fácil em certos meios.

O que interessa, segundo pensamos, não é nem condenar em bloco nem bajular este ou qualquer outro órgão de soberania, neste ou em qualquer outro campo. O que interessa é fazer um balanço, um **deve** e um **haver**, capaz de nos ensinar a **estar na política** com mais lucidez no futuro. O que interessa é **fazer a história**, completa e objectiva, já

que a história (completa) é a mestra da vida e já que a memória é um dos condicionantes da acção política e da sua apreciação.

A contabilidade da acção política dos conselheiros da revolução parece-nos a nós claramente positiva por este facto bem simples mas carregado de consequências: eles libertaram-nos de duas ditaduras, a salazarista-marcelista em 25 de Abril de 1974 e a comunista-gonçalvista em 25 de Novembro de 1975. Certamente que eles não foram os únicos neste processo de libertação e as forças então desencadeadas nem sempre tiveram o melhor aproveitamento e a melhor direcção. Mas os valores fundamentais foram, em nossa opinião, preservados.

O Conselho da Revolução desaparece naturalmente e

ainda bem. Nós deixamos ser uma democracia tutelada e passamos para outro estágio superior de democracia. frutos a seu tempo se verá na confluência de factores vária ordem que os políticos nem sempre conseguem controlar.

O poder regressa assim à plenitude ao povo português do qual esteve tanto tempo arredado, pelo medo, pela ignorância, pela manipulação.

Alguns dirão ainda que o Conselho da Revolução de ter desaparecido há muito tempo, outros dirão que o tempo não passou exactamente o tempo necessário... Mas qual é o político ou o órgão (e não só) quem tal não se pode supor simplesmente dizer?

A história, que é a tal objectividade purificada pelo tempo, o dirá depois de nós.

D. J